

Tradução

Mulheres, sujeitai-vos aos vossos maridos

Apresentação*

O texto que segue foi escrito, provavelmente, em 1764 quando do grande entusiasmo de Voltaire pela princesa da Rússia, Catarina II. A grande princesa que encantou os *philosophes*, como Diderot que a ela legou sua biblioteca, parecia possuir as qualidades para realização do ideal do governante esclarecido. Frustrado anteriormente com a experiência alemã, Voltaire encontrava em Catarina algumas das qualidades que identificara em Frederico II.

Publicado em 1765 nas *Mélanges*, este “opúsculo dos primeiros anos do reino de Catarina II (1763-1796)” vai muito além de uma mera homenagem à princesa russa. Pode-se encontrar diversas questões que faziam parte da ordem do dia dos escritores franceses do XVIII. O despotismo esclarecido, as religiões e suas disputas, a conversação e a sociabilidade na formação do *homme de lettres* francês, aqui *femme de lettres*, o teatro, a literatura, a educação das mulheres e o claustro, a defesa da inteligência e sensibilidade femininas, são todos aspectos que compõem este texto e outros que Voltaire escreveu anteriormente acerca das mulheres.

A senhora de Grancey, protagonista do opúsculo que segue, encarna todas as virtudes das mulheres espirituosas da sociedade que cercavam Voltaire. O jovem escritor iniciara sua vida intelectual nas *soirées* e nos jantares promovidos por damas da alta sociedade. Estas mulheres que gostavam de se servir de uma boa mesa e, além disso, de arte e literatura, tornaram-se, algumas vezes, grandes personagens da vida intelectual francesa. Não se deve esquecer madame de Pompadour, madame du Deffand e madame du Chatêlet, com quem Voltaire se relacionara e que, juntamente com Maupertuis, muito auxiliou o autor em seus estudos da física de Newton.

* Apresentação, tradução e notas de Rodrigo Brandão, professor no Departamento de Filosofia da UFPR.

Educada e leitora, a senhora de Grancey identifica na força física do homem o princípio de desigualdade. Mesmo que negasse às mulheres as invenções e lhes reservasse os trabalhos domésticos mais leves, devido a sua frágil compleição, Voltaire, no entanto, afirma que este parece ser o único motivo que pode explicar a superioridade dos homens nos Estados. Como diz no verbete Mulher do *Dicionário Filosófico*: “o poder e não a convenção fez todas as leis”. A condição inferior da mulher pode não ser resultado de uma condição inferior essencial, mas sim de um abuso de uma diferença natural.

“O físico governa sempre o moral”. A constituição física masculina garante aos homens o poder da força que estabelece as leis e governa o mundo moral. A condição inferior da mulher se apresenta como resultado do poder físico masculino que acaba por governar todos os âmbitos da vida. Mas, continue-se a leitura do verbete do Dicionário acerca das mulheres e se verá como a discussão é encaminhada.

Contra a misoginia de Montesquieu, que não reservava espaço à mulher no verdadeiro amor¹, Voltaire concede-lhe o papel central nesse sentimento. Todavia, o homem “apresenta uma superioridade muito grande tanto na força corporal como também na espiritual”. (VOLTAIRE, 1978, 254)

Não inventoras, mas capazes de governar. Elas podem exercer *quase* todas as funções masculinas. Mas, na divisão do trabalho e na inserção na história, Voltaire explica a condição feminina recorrendo à sua constituição física. “O físico controla o moral” pode ganhar outras conotações agora; a tarefa de “suavizar os costumes dos homens” pode ser o contraponto de um espírito inferior.

Os textos de Voltaire sobre as mulheres são controversos e confusos,

1 Note-se que o amor é muitas vezes tratado negativamente na obra de Voltaire. Ora a ilusão, a convenção e fragilidade são reveladas por meio do poder do dinheiro, ora este sentimento cruel, interessado e decepcionante se opõe à tolerante e fiel *fília* de verdadeiros amigos. Lembremos que tanto em *Candide* quanto no texto *Ce qui plaît aux dames*, o amor é desvelado como ilusão ou interesse. Cercado por amigos em sua Propôntida, Cândido se casa não por amor. Paródia do romance de aventuras, o tempo incide sobre o amor de Cândido e sobre o corpo de Cunegonde e, chegado o fim do conto, Cândido perdeu três ilusões; a ilusão do otimismo filosófico, a nobiliárquica e a do amor.

fazem o leitor oscilar entre compreender a condição inferior da mulher na sociedade como um abuso de uma diferença natural e aceitar que o papel da mulher na sociedade se justifica por meio da própria condição física feminina.

O que é certo, contudo, ainda mais quando consideramos o tema da igualdade amplamente, é que para Voltaire não há igualdade total, ao menos física, nem entre homens e mulheres nem entre os seres humanos como um todo.

Assim, vemos quanto o feminismo de alguns textos de Voltaire é limitado. Não somente por outras passagens de teor negativo e oposto ao que se supõe de um autor que cria uma personagem como madame de Grancey, mas também limitado porquanto este suposto feminismo está, por assim dizer, sujeitado a questões mais caras ao nosso autor. Neste sentido, este feminismo não pode ofuscar o fato de que todos os textos de Voltaire sobre as mulheres tocam em dois pontos e parecem se deter neles com mais cuidado e interesse do que na questão feminina propriamente dita, a saber; política e religião. O verbete Mulheres do *Dicionário Filosófico*, assim como o texto que se segue, ressalta a capacidade feminina de governar e o ideal do governante esclarecido, bem como defende a tolerância e a diversidade de culturas, o que acaba por conceder outros contornos para a imagem da mulher nos textos de Voltaire. Ambos os textos são claros em afirmar que as mulheres não são escravas nos estados muçulmanos, que tudo não passa de miopia cultural, de má compreensão dos costumes de outra civilização. O verbete do *Dicionário Filosófico* encontra poligamia no mundo judaico-cristão e o opúsculo seguinte nega que haja no Alcorão algo tão veemente sobre a submissão das mulheres aos seus maridos como se pode encontrar na Bíblia. Defesa do islamismo contra o cristianismo? Sim e não. O que se ouve novamente é o bordão voltariano: *Ecrassez l'infâme*. A religião, especialmente, mas não somente a Igreja, a calúnia, a superstição, os abusos e perseguições, eis a infâmia. Por outro lado, tolerância e diversidade dos costumes. Ataque à superstição e respeito aos costumes: posições irreconciliáveis aos nossos olhos, mas não para o filósofo das Luzes.

Destarte, o texto sobre as mulheres torna-se uma arma em defesa das mulheres e da condição feminina nos Estados muçulmanos. Mas não nos enganemos, o texto é também ataque à religião e uma defesa do respeito à

pluralidade cultural. Não encontramos no Alcorão algo como na Bíblia e só condenamos os costumes dos povos muçulmanos porque a nós só foram ditas calúnias e imposturas sobre o islamismo, e porque julgamos outros costumes distantes como inferiores ou bárbaros. Neste sentido, *Mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos*, traz a mesma mensagem aos homens e às mulheres - e, principalmente, aos governantes, àqueles que ordenam - que encontra-se no fim do verbete Mulher:

“Que cada um deixe viver os outros à moda de seu país. Teu chapéu não foi feito para ditar leis ao meu turbante. Teu colarinho e teu casaquinho não devem ordenar ao meu doliman.”(VOLTAIRE, 1978, 257)

Mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos

O abade de Châteauneuf contou-me certo dia que a esposa do marechal de Grancey era muito imperiosa e que tinha muitas qualidades. Sua grande altivez consistia em respeitar a si mesma, em nada fazer que pudesse envergonhar-se em segredo; ela jamais rebaixava-se a ponto de dizer uma mentira: preferia proferir uma verdade perigosa do que utilizar uma dissimulação útil e sempre afirmava que a dissimulação é a marca da temeridade. Mil ações generosas marcavam a sua vida; mas quando recebia um elogio, considerava-se mal compreendida e dizia: “Pensais que tais ações custaram-me esforços?”. Seus amantes a adoravam, seus amigos a queriam bem, e seu marido a respeitava.

Ela passou quarenta anos nesta dissipação e neste círculo de divertimentos que ocupam seriamente as mulheres. Ela não lia nada a não ser as cartas que lhe eram escritas, em nada pensava a não ser nas novidades do dia, nas idiotices dos que a cercavam e nos interesses de seu coração. Enfim, quando se viu naquela idade em que se diz que as belas mulheres com espírito passam de um trono a outro, ela desejou ler. Começou pelas tragédias de Racine e espantou-se ao sentir, lendo-as, mais prazer do que jamais sentira ao ver suas representações, seu bom gosto a fazia reconhecer que este homem não dizia senão coisas verdadeiras e interessantes, que todas estavam em seu devido lugar, que era simples e nobre, sem declamação, sem nada forçar, sem ser lento e enfadonho e que suas tramas assim como seus pensamentos estavam fundados sobre a natureza: ela encontrava nesta leitura a história de seus sentimentos e o quadro de sua vida.

Fizeram-na ler Montaigne: encantou-se com um homem com quem estabelecia uma conversa e que duvidava de tudo. Deram-lhe em seguida os *Grandes Homens* de Plutarco: ela questionava por que ele não havia feito a história das grandes mulheres.

O abade de Châteauneuf encontrou-a certo dia vermelha de cólera. “O que há com a senhora?”, disse-lhe.

- Abri por acaso um livro que se encontrava em meu gabinete, respondeu

ela. Era, creio eu, alguma coleção de cartas; e li tais palavras: *Mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos*; então joguei o livro fora.

- Como, Senhora! Não sabeis que se tratam das *Epístolas* de São Paulo?²

- Não me importa de quem elas são, o autor é muito indelicado. O senhor marechal jamais escreveu-me neste tom; acredito que o vosso São Paulo era um homem de difícil convivência. Ele era casado?

- Sim, senhora.

- Ela deve ter sido uma boa criatura; se eu tivesse sido a mulher de um homem como este, eu o teria mandado passear. *Sujeitai-vos a vossos maridos!* Ainda se ele tivesse se contentado em dizer: *Sejam doces, complacentes, atenciosas, econômicas*, eu diria: eis um homem que sabe viver; e por que submissas, por favor? Quando casei-me com M. de Grancey, nós nos prometemos ser fiéis, eu propriamente não cumpri com minha palavra, nem ele com a sua, mas nem ele nem eu prometemos obedecer. Então, somos nós escravas? Já não é o bastante que um homem, após ter se casado, tenha o direito de causar-me uma doença de nove meses, doença algumas vezes mortal?³ Já não é bastante dar à luz, em meio a grandes dores, um filho que poderá processar-me quando velho? Não é suficiente estar sujeita todos os meses a incômodos muito desagradáveis para uma mulher de qualidade e que, para tornar as coisas piores, a supressão de uma destas doze doenças anuais seja capaz de matar-me, e ainda me dizem: *Obedeça?*

“Certamente a natureza não disse para obedecermos; ela nos fez com

2 Tratam-se das *Epístolas aos Efésios* (5,22-25) onde lê-se: “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja.... de sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos”.

3 Este trecho é revelador de dois aspectos da vida no século das Luzes. O primeiro faz referência ao que era o parto no século XVIII. A precariedade das condições conjugada com as doenças infecciosas faziam do parto um momento de muito risco e eram muitas as mães e as crianças que morriam. O segundo ponto, refere-se ao fato de que é da alçada masculina a decisão pelos filhos. Questão de descendência e hereditariedade, a decisão pela gravidez não passa pela vontade feminina, é um direito do homem causar esta “doença de nove meses” nas suas esposas.

órgãos diferentes daqueles dos homens, mas nos tornou necessários uns aos outros, ela não pretendia que da união se formasse uma escravidão. Eu me recordo bem do que Molière disse:

Do lado da barba está o poder.

Mas eis uma razão engraçada para que eu tenha um senhor! O quê! Porque um homem tem o queixo coberto de um pêlo grosso e desagradável, que obriga-o a barbear-se o máximo possível, e meu queixo é liso desde que nasci, é necessário que eu lhe obedeça humildemente? Eu sei bem que geralmente os homens têm músculos mais fortes que os nossos e que eles podem melhor desferir um golpe; temo que seja esta a origem de sua superioridade.

“Eles também pensam ter a cabeça melhor organizada e, conseqüentemente, gabam-se de serem mais capazes de governar; mas eu poderia mostrar-lhe rainhas que valem tanto quanto reis. Disseram-me há alguns dias algo sobre uma princesa alemã⁴ que levanta-se às cinco da manhã e começa a trabalhar para tornar seus súditos felizes, ela dirige todos os negócios, responde a todas as cartas, encoraja todas as artes e propaga seus bons atos à proporção de suas luzes. Sua coragem iguala seus conhecimentos; ela não foi criada em um convento por imbecis que nos ensinam o que se deve ignorar, e que nos mantêm ignorantes sobre aquilo que se deve aprender.⁵ Eu, caso detivesse um Estado para governar, sentir-me-ia capaz de ousar seguir este modelo”.

O abade de Châteneauf, que era muito educado, evitou cuidadosamente contradizer a senhora marechal.

“A propósito, disse ela, é verdade que Maomé tinha tanto desprezo por nós que supunha não sermos dignas de adentrar o paraíso, e que não seríamos admitidas senão na entrada?

- Neste caso, disse o abade, todos os homens se deteriam para sempre na entrada; mas console-se, pois aqui não se diz uma palavra verdadeira a respeito

4 Catarina II da Rússia nasceu na Alemanha.

5 Outro alvo comum às obras dos *philosophes* do XVIII; o claustro e a educação feminina dos conventos.

da religião maometana. Como disse meu irmão que foi por doze anos embaixador em Constantinopla; nossos monges ignorantes e malignos nos enganaram.

- O quê! Não é verdade, senhor, que Maomé inventou a poligamia para que os homens melhor se afeioassem a ele? Não é verdade que somos escravas na Turquia, e que nos é proibido rezar a Deus em uma mesquita?

- Nada disto é verdadeiro, senhora. Maomé longe de ter imaginado a poligamia, reprimiu-a e restringiu-a. O sábio Salomão possuía setecentas esposas. Maomé reduziu seu número a apenas quatro. As mulheres irão ao paraíso assim como os homens, e sem dúvida lá farão amor, mas de maneira distinta da que se faz aqui: pois vós bem percebeis que não conhecemos o amor neste mundo senão muito imperfeitamente.

- Ah! Tens razão, diz a senhora marechal: o homem é pouca coisa. Mas, diga-me, o vosso Maomé ordenou que as mulheres fossem submissas a seus maridos?

- Não, senhora, não se encontra nada disto no *Alcorão*.

- Então, por que as mulheres são escravas na Turquia?

- Elas não são escravas; elas têm seus bens; podem testemunhar, podem, em circunstâncias adequadas, pedir divórcio; elas freqüentam as mesquitas em certas horas e têm seus encontros em outras. Elas são vistas nas ruas com seus véus sobre os narizes, como vós tínheis vossas máscaras há alguns anos. É verdade que não aparecem nem na Ópera nem no teatro; mas é porque estas coisas não existem. Duvidas que se um dia houvesse em Constantinopla, que é a pátria de Orpheu, uma Ópera, as damas turcas não ocupariam os melhores camarotes?

- Mulheres sujeitai-vos a vossos maridos!, continuava a dizer entre os dentes a senhora marechal. Este Paulo era muito bruto.

- Ele foi um pouco duro, disse o abade. Tratava um bom homem como São Pedro com ares de superioridade. Além do mais, não se deve tomar ao pé da letra tudo o que se diz. Ele é censurado por ter tido mais do que apenas uma propensão ao jansenismo.

- Eu suspeito que ele era um herético, disse a senhora marechal, e recolheu-se para seu toucador.